

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 18, janeiro a junho de 2007

BRINCANDO ENTRE IGAPÓS: A ÁGUA NA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL TUPÉ, MANAUS/AM

Tiago Viana da Costa¹

Jerfferson Lobato dos Santos²

Solange da Silva Barros³

Simone Marcela Souza de Carvalho⁴

Antônia Moraes Pinheiro⁵

RESUMO

Em face da necessidade de se desenvolver trabalhos específicos na área de percepção social da água, foi proposto neste artigo investigar a relação das crianças da escola São João do Tupé, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé, com a água, partindo da compreensão sobre esse recurso em seu cotidiano. Para serem traçados os caminhos da pesquisa, sua estratégia e procedimentos, recorreremos a Geografia Humanística, tendo como

¹ Zootecnista. Mestre em Zootecnia. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/Ibama. Rua Ministro João Gonçalves de Souza s/n - Distrito Industrial - CEP 69.075-830 - Manaus/AM. tvianadacosta@yahoo.com.br

² Biólogo. Mestre em Ciências Agrárias. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/Ibama. Rua Ministro João Gonçalves de Souza s/n - Distrito Industrial - CEP 69.075-830 - Manaus/AM. jlantos21@yahoo.com.br

³ Geógrafa. Mestre em Ciências Florestais e Ambientais. Universidade Federal do Amazonas/Ufam. Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário. Bairro Coroado I. CEP 69077-000. Manaus/AM. solange_barros@hotmail.com

⁴ Turismóloga. Mestre em Ciências Florestais e Ambientais. Universidade Federal do Amazonas/Ufam. Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário. Bairro Coroado I. CEP 69077-000. Manaus/AM. simone_marcela@yahoo.com.br

⁵ Turismóloga. Ministério da Defesa/ Exército Brasileiro. antonia.pinheiro@bol.com.br

principais instrumentos de campo a Pesquisa Participativa e como fonte de informações, foram utilizados os depoimentos e a confecção de desenhos pelas crianças da escola. A caracterização da casa próxima ao rio, da chuva, da “poluição” e até mesmo o uso da água nos afazeres domésticos foram as gravuras mais constantes. Os resultados apontaram que a percepção das águas ocorre a partir das atividades que se desenvolvem na comunidade, como a pesca, as brincadeiras, trabalho e lazer e, sobretudo o rio surge como um parceiro presente na lida diária, no sustento.

Palavras-chave: percepção ambiental, crianças, recursos hídricos, Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé.

ABSTRACT

Due to the necessity to develop specific works in the area of the social water perception, the purpose of this article was to investigate the relationship between children of the São João do Tupé school, in the Reserve of Sustainable Development Tupé and the water, based on the understanding that this resource is daily used. For research we used the strategy and procedures based on the Humanistic Geography, having as main instruments of field the Participative Research and as source of information, being used the depositions and the confection of drawings by the children of the school. The characterization of the house next to the river, of rain, the "pollution" and the use of the water in the domestic tasks were the most drawn. The results point that the perception of waters occurs from the activities developed in the community, such as fishing, tricks, work and leisure and, over all the river appears as a present partner in the daily chore, in the sustenance.

Keywords: ambient perception, children, water resources, Reserve of Sustainable Development Tupé.

INTRODUÇÃO

As questões ambientais estão cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade brasileira. País com grande biodiversidade, o Brasil enfrenta graves problemas ambientais e entre eles, podemos destacar o uso indevido dos recursos hídricos, levando a criação de programas de conscientização ambiental.

Em janeiro de 1992, foi realizada em Dublin (Irlanda), a Conferência Internacional sobre a Água e Meio Ambiente, resultando em uma declaração que sugere, entre outros

aspectos, que “*o desenvolvimento e a gestão da água devem ser baseados na participação dos usuários, dos planejadores e dos tomadores de decisão, em todos os níveis*” (SETTI, 2001).

Interagindo com o ritmo das chuvas, com a dinâmica das águas, com os caminhos dos rios, o homem amazônico cria estratégias e saberes que o auxiliam em seu cotidiano, face ao ambiente com o qual interagem. Com uma imagem associada à água, os amazônidas já foram designados de “*Homens Anfíbios*” (FRAXE, 2000), ou, “*Povo das Águas*” (PORRO, 1995).

Observando a ocupação do espaço, Costa Júnior (1993) relata que as casas possuem a fachada de frente para o rio, porque é onde se desenrolam a vida pública, as festividades, os encontros, as negociações, enfim, as relações sociais. Emergem assim, múltiplos significados sobre a água, havendo a necessidade de se navegar pela busca da compreensão de como as pessoas que fazem parte dessa dinâmica das águas percebem esse “fenômeno geográfico”.

As percepções não são simples sensações, mas define-se como o conhecimento que o ser humano adquire através do contato com o meio em que vive (OLIVEIRA, 1983) organizando estas informações em categorias, conforme Davis (1994). A percepção ambiental é fundamental para o reconhecimento do conhecimento e do que condiciona os comportamentos de um indivíduo ou um grupo em relação ao meio ambiente (BUTZKE *et al.*, 2001). Estas percepções são influenciadas por fatores como personalidade, cultura, condições sócio-culturais (VARGAS *et al.*, 2006), gerando, em certos casos, uma das dificuldades encontradas para a proteção dos ambientes naturais.

Segundo Sen Gupta (1993), a “*percepção dos moradores está estreitamente associada ao ambiente particular na qual vivem às suas práticas sócio-econômicas e às suas exposições a esses conjuntos*”. Dessa maneira, as experiências, vivências e conhecimentos adquiridos pelos moradores sobre a água podem nos revelar dados singulares sobre essa relação determinante no manejo e na conservação deste recurso.

Os estudos de compreensão sociológica para o gerenciamento de água, possuem certa importância, uma vez que a percepção social é significativamente determinada pelo contexto cultural e pelo desempenho, por parte dos cidadãos, de seu papel social. Conseqüentemente, há significantes diferenças dentro da sociedade a respeito da percepção de temas ligados ao acesso dos indivíduos a água (GREEN, 1998).

A importância da pesquisa em percepção ambiental já tinha sido ressaltada pela UNESCO em 1973 e hoje, verifica-se que estes estudos estão tornando-se cada vez mais freqüentes em diversas áreas do conhecimento, pois a percepção do ambiente é interdisciplinar. Durante alguns séculos, a infância foi desconsiderada pela sociedade, que supunha que “*a vida das crianças menores não era nada além de uma sucessão de sono e*

sombra” (COLL, 1995 *apud* RAMIRES & GUIMARÃES, 2004). Segundo os mesmos autores, somente no século XIX e XX começaram a surgir profissionais preocupados com a infância, como Froebel (1782 – 1852), mencionando que “*o mundo interno da criança era um reflexo do mundo externo da natureza*”, de onde se pode concluir que o mundo vivido por elas é repleto de coisas e objetos “revestidos” de significados.

De acordo com Lowenfeld & Brittain (1972), uma criança expressa seus pensamentos, seus sentimentos e seus interesses nos desenhos e pinturas que realiza e demonstra o conhecimento que possui do ambiente por meio de sua expressão criadora.

A análise e avaliação do conhecimento construído diretamente pelas crianças a partir de suas experiências com a água têm por finalidade, contribuir com novas abordagens e políticas conservacionistas que conciliam a proteção ambiental com as diferentes sociedades aproximando as diferentes realidades vivenciadas por estas comunidades.

MATERIAL E MÉTODOS

Localizada à margem esquerda do Rio Negro, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé (RDS Tupé) dista 25 km de Manaus em linha reta. Composta por seis comunidades - São João do Tupé, Agrovila, Colônia Central, Tatulândia, Livramento e Julião -, a RDS que foi instituída pelo parágrafo único do artigo 296 de 24 de junho de 1999 da Lei Orgânica do Município de Manaus, possui como principal atividade econômica a pesca e a agricultura. Foi escolhida como base para este estudo, a Escola Municipal São João do Tupé (03° 02' 48,3"S; 60° 15' 15,0" W), localizada na comunidade São João do Tupé, conforme Figura 1. A escola possui 43 alunos matriculados regularmente, distribuídos da Pré-escola a 3ª série do ensino fundamental.

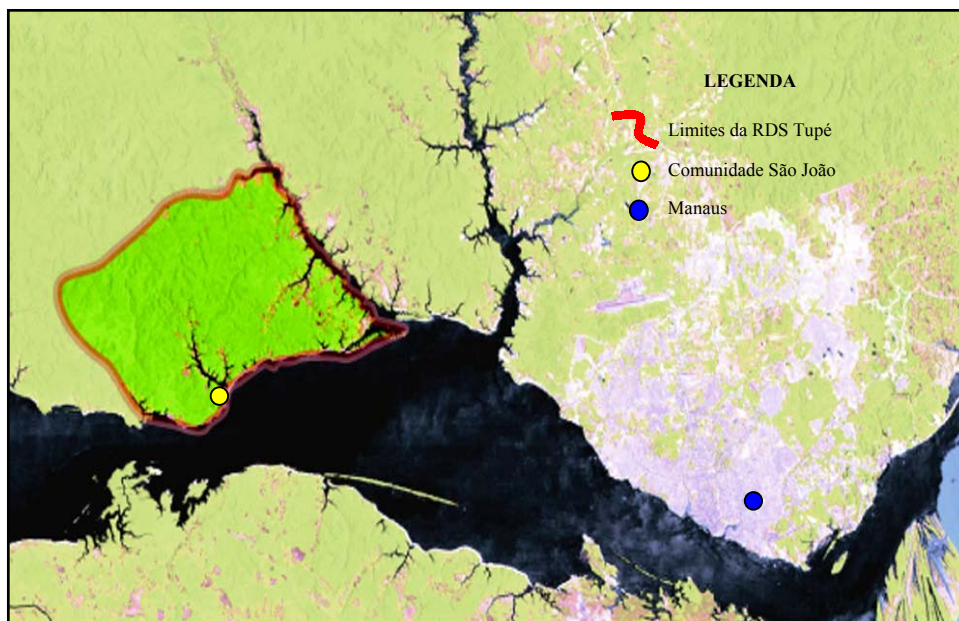


Figura 1: Mapa indicando a localização da RDS Tupé e da Escola São João do Tupé.

Antonio Carlos Diegues escreve que “*em nenhuma sociedade (...) as realidades naturais se reduzem simplesmente a seus aspectos físicos (...)*” (DIEGUES, 1998). O autor, apoiando-se em Godelier, diferencia e relaciona os aspectos visíveis e invisíveis do espaço:

(...) todas as formas de atividades concretas que o homem inventou para se apropriar das realidades naturais contém e combinam, ao mesmo tempo e necessariamente, gestos e comportamentos “materiais” para agir sobre os aspectos visíveis, gestos e comportamentos que chamamos hoje de ‘simbólicos’ para agir sobre seu território invisível (...). (GODELIER *apud* DIEGUES, *op. cit.*).

Nesta perspectiva, considera-se a importância afetiva do lugar para a população, ultrapassando o entendimento do espaço estritamente a partir de seus atributos físicos. Quais os sentimentos e vivências das crianças da comunidade São João do Tupé com a água, como esse “recurso” é percebido?

A partir das experiências do “espaço vivido”, da compreensão do mundo percebido desses alunos, pretendeu-se conduzir uma reflexão sobre como melhor planejar esse lugar, mas, sobretudo apreender e/ou compreender o Tupé, sob a ótica de seus pequenos moradores.

Experientiar é aprender, “significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 1983). A experiência envolve as várias formas em que uma pessoa conhece e constrói a

realidade, quer seja através dos sentidos mais passivos e diretos como tato, olfato, paladar e visão, quer pela simbolização indireta.

Na possibilidade de aprofundar a reflexão sobre o espaço vivido e apreendê-lo através da vivência, procurou-se seguir com o geógrafo britânico Edward Relph, que fez as seguintes considerações sobre o mundo-vivido (“Life-world”): “(...) *aquele mundo de ambigüidades, compromettimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo*” (RELPH,1979).

Estas considerações tornam-se merecedoras de atenção a partir da idéia de que: “(...) *o mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos*” (RELPH,1979).

Estas reflexões epistêmicas visam compreender o envolvimento entre o mundo-vivido, o espaço vivido e o lugar, na perspectiva de abordagem fenomenológica. Nesta perspectiva, o espaço passa a ser percebido pelo sujeito (morador), como fazendo parte de suas experiências e, então, interpretar a realidade. O sujeito passa a apreender o espaço, e compreender o “mundo” em que se existe, mesmo que de uma forma não científica, como através das brincadeiras e do devanear.

Das experiências do espaço ao encontro do lugar, na maioria das vezes de forma suave e envolvente, experienciando e transformando paisagens em lugares, pois segundo Tuan, “(...) *cada pausa estabelece uma localização como sendo significativa, transformando-a em lugar*” (TUAN, 1982).

As investigações foram orientadas pela pesquisa qualitativa participativa (GOLDEMBERG, 1997; MINAYO, 2001) e em parceria com a escola, foi proposta, no início do período letivo de 2006, investigar as relações destes alunos com a água. Foi feito o uso de entrevistas semi-estruturadas, da pesquisa participativa e de relatos de vivências dos alunos. O questionário foi elaborado abordando temas relacionados à educação ambiental e saúde e os diversos meios de utilização da água. Os alunos ainda foram convidados a representar através de desenhos, pinturas a base de tinta guache e recortes, as várias representações da água em seus cotidianos.

Os dados apresentados colhidos junto às crianças foram sistematizados e agrupados de forma a expressar o conjunto de idéias desenvolvido a partir do tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 33 crianças regularmente matriculadas na Escola São João do Tupé compareceram para as atividades propostas. No início dos trabalhos, foram apresentados dois copos com água, sendo um contendo água limpa e outro contendo água suja. As crianças foram instigadas a falar sobre a água, construindo uma chuva de idéias, conforme apresentado na Tabela 1.

Neste contexto pode ser destacada a relação que as crianças fazem, descrevendo que a água está suja em virtude da presença de pedaços de madeira e folhas, ou ainda pela visão de que as águas em Manaus são sujas por apresentarem lixo, no caso sacolas plásticas e garrafas pet. Foi relacionado também à questão da água suja, o surgimento de doenças, e entre elas, alergias e aquelas onde o mosquito (*Anopheles sp.*), regionalmente denominado de carapanã, é o vetor, tais como dengue e malária, aparecendo no período da cheia e se reproduzindo em água limpa. Ressalta-se aqui, que as crianças não sabem que estes tipos de mosquitos, não se reproduzem em água poluída.

Tabela 1: Chuva de idéias apresentando as características relacionadas às qualidades da água na visão das crianças da Escola São João do Tupé.

ÁGUA LIMPA	ÁGUA SUJA
Cachoeira no sítio do Sr. Benjamin – laser	Água suja em Manaus
Alimentação	Rio sujo por causa de pau, folhas
Vida	Água suja para planta
Aliviar o calor	Água suja associada a doenças
Tomar banho	Alergias
Matar a sede	
Lavar louça, roupa	
Pegar peixe	
Jacaré, boto, peixe	
Água de coco	

Em relação à água limpa, o que mais chama a atenção é o consumo da água do rio Negro, considerada própria para este fim, mas a mesma deve ser primeiramente coada. A água

de poço, também citada, não precisa ser coada, pois esta já vem “pronta” para ser bebida. O termo pronto, para as crianças, relaciona-se a água límpida e incolor.

Após a chuva de idéias, as crianças foram divididas em três grupos, levando em consideração suas idades, de acordo com o proposto por Piaget (1986) e Wallon (1989), sendo o grupo I composto por crianças de até 06 anos, o grupo II composto por crianças entre 07 e 09 anos e o grupo III por crianças acima de 10 anos.

Para os grupos I e II foi proposto que as crianças pintassem, desenhassem e utilizassem recortes para representar como a água encontra-se presente em suas vidas. Para o grupo III, o mesmo tema foi proposto, mas que os mesmos o fizessem através da escrita. A utilização de desenhos foi proposta, uma vez que permite as crianças expressarem suas sensações de forma independente, sem a influência do moderador, conforme sugerido por McNeal (1993) e Guber & Berry (1993) e após os desenhos concluídos, as crianças foram estimuladas a descreverem o que haviam representado, uma vez que a narração do desenho faz o elo entre o que foi idealizado pela criança e seus conhecimentos, conforme mencionado por Grubits (2003).

O grupo I, composto por 16 crianças, com média de idade de $4,3 \pm 1,2$ anos, apresentou desenhos variados e alguns deles não se relacionavam com o tema proposto. Neste caso, segundo Cruz (2004), o problema pode não está na utilização dos mecanismos adotados para a pesquisa, mas na reação que o tema proposto pode provocar. Dentre os desenhos considerados válidos, ou seja, aqueles relacionados ao tema, se destacam as casas próximas ou longe do rio, dependendo do período de cheia e seca respectivamente. Também foi representada uma pessoa tomando banho e um rio pintado de preto, onde a criança faz referência a um rio sujo ou, mesmo que de forma inconsciente, o rio Negro. Vale ressaltar, que a grande maioria dos desenhos apresentados por este grupo de crianças, somente puderam ser assim identificados após explicações dos seus autores. As informações dadas a respeito dos desenhos foram no sentido de captar, de maneira indireta, a percepção das crianças sobre o tema proposto, pois de acordo com Winnicott (1979), *“a capacidade de percepção exata ainda não está totalmente desenvolvida nesta idade, onde devemos esperar da criança uma concepção mais subjetiva do que objetiva do mundo”*.

O grupo II, composto por 12 crianças, com média de idade de $7,6 \pm 0,7$ anos, apresentou desenhos mais bem elaborados utilizando todos os tipos de materiais disponíveis. Mais uma vez, a presença da casa foi uma marca constante nos desenhos exibidos, sempre se apresentando as margens do rio, tanto no período da seca ou da cheia. Segundo Grubits (2003), a casa é o termo mais carregado de ressonância afetiva, uma vez que desencadeia

lembranças, sonhos e figuras ligadas a segurança. Vale ressaltar que nas representações das casas em períodos de cheia, as crianças representavam as águas indo até próximo a casa ou até mesmo algumas árvores encobertas, utilizando estes objetos como parâmetros, enquanto que nas representações dos períodos da seca, os desenhos apresentavam uma faixa de terra, geralmente pintado de vermelho, separando a casa do rio.

Outro desenho que merece destaque e que possui muito significado para a região amazônica, são as canoas e rabetas, sendo um dos principais meios de transporte entre as comunidades, demonstrando a utilização do rio para o ir e vir na região. Neste contexto, aparecem os peixes como um recurso natural utilizado na alimentação, representando assim, mais uma vez a utilização do rio e do lago do Tupé pelas comunidades da reserva. O jacaré foi outro recurso faunístico representado, bem como as borboletas, que aparecem principalmente no período da seca.

Em relação as figuras que remetiam a elementos do “céu”, chamaram atenção as nuvens, o sol e o arco-íris. Estes três elementos apareciam em algumas situações, interligando-se, pois quando o sol era representado, sempre em tons de cor clara, as nuvens eram desenhadas em cores claras e quando só apareciam as nuvens, geralmente eram associadas com a chuva e apresentavam-se em cores escuras. A justificativa adotada pela maioria das crianças em relação a estas tonalidades, foi um a vez que a nuvem estava escura, choveria, como apresentado em vários desenhos Figura 2. O arco-íris, representado por algumas crianças, foi justificado sendo o elemento que aparece após a chuva, quando o “sol volta”. Um detalhe interessante foi a utilização de todas as cores disponíveis para confeccionar estes desenhos. Em relação aos desenhos multicoloridos representados pelas crianças, Lowenfeld & Brittain (1972) sugere que é preciso deixar que a criança descubra sua própria relação com a cor, uma vez que só pela experimentação ela estabelecerá uma correspondência entre suas reações afetivas diante da cor e a organização harmônica dela em seu desenho.

O sol e nuvens apresentando rosto, composto por olhos, nariz e boca, foram caracterizados em alguns desenhos do grupo II, conforme Figura 3 e foi mencionado por Ramires & Guimarães (2004) como sendo uma peculiaridade desta faixa etária. Os autores mencionam que nesta idade, as crianças personificam os desenhos, ou revelam o chamado animismo, onde emprestam “alma” às coisas.

O grupo III, composto por apenas 05 crianças, com média de idade de $11,8 \pm 1,9$ anos, não se esmeraram em escrever sobre o tema proposto, pois estavam mais interessadas em desenhar e pintar como as outras crianças da classe. No entanto, se destaca a citação da água

como essencial para a manutenção da vida: “a água é nossa fonte de vida”, escrita por Raynara, de 10 anos. O grupo ainda mencionou a utilização da água nos afazeres domésticos, como lavar louças e roupas e limpar a casa; essencial para sobrevivência dos peixes, oportunidade aproveitada para relacionar também com o fato da pesca ser uma fonte de alimento e neste caso, a água também foi associada com a produção dos chamados “vinhos” de palmeiras como açai (*Euterpe oleraceae*), patauá (*Jessinia bataua*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*) e outras frutas típicas da região. O termo vinho é utilizado para identificar a polpa das frutas extraídas das palmeiras, uma vez que as mesmas não passam por nenhum tipo de fermentação.

Após o término das redações, foi permitido a este grupo que desenhasse conforme os outros grupos e novamente pode-se perceber a presença marcante da casa à beira do rio e peixes nadando, reforçando a teoria de Grubtis (2003).



Figura 2: Casa à beira do rio e nuvens azuis (Gilmar, 08 anos).

Terminada a etapa dos desenhos e as narrações dos mesmos, foram aplicados questionários com o intuito de captar mais informações, desta vez com temas mais direcionados. Ao grupo I não foi aplicado nenhum questionário, pois os mesmos eram muito

pequenos e dispersos, além de preferirem as brincadeiras. Segundo Cruz (2004), a escola é um lugar em que as crianças, com idade entre 0 e 6 anos, vão para encontrar os amigos e brincar, de onde pode-se inferir que a escola é o primeiro elo para um convívio social.

Em relação aos grupos II e III, os resultados apresentados foram semelhantes. Quando questionados sobre a essencialidade da água, as crianças responderam que a água é utilizada para higiene pessoal - neste caso o banho -, uso doméstico - lavar roupas e louças -, cozinhar, molhar as plantas e brincar.



Figura 3: Representação da casa à beira do rio, chuva, meios de transporte, água utilizada para o banho e lavar as roupas e ainda o “animismo” do sol (Marcelo, 07 anos).

Quanto a água que costumam beber em casa, 62,6% das crianças disseram que bebiam água do rio, mas também foram mencionadas as águas advindas de poços artesianos e cachoeiras, 18,7% em ambos os casos. Quando questionadas sobre o tipo de tratamento que faziam na água antes de ingeri-la, as crianças do grupo II disseram que os pais têm o costume de ferver e até mesmo filtrar a água, neste último caso associado também ao ato de coar, uma vez que utilizam água do rio Negro e do lago do Tupé. No grupo III, apesar das crianças serem mais velhas que as do grupo II, mencionaram não saber se a água que bebiam passava por algum tipo de tratamento. Este fato é preocupante, uma vez que houve respostas positivas quanto a questões relacionadas a poluição, onde algumas crianças do grupo II relataram a presença de sacos plásticos, garrafas de vidro e garrafas pet sendo jogados no lago do Tupé. Quando questionados a respeito do que fariam caso vissem alguém jogando lixo no rio ou no

lago, algumas crianças disseram que não sabiam o que fazer ou mesmo aquelas que mencionaram os pais jogando lixo no rio, disseram que não achavam certo, mas não fariam nada. Neste último caso, demonstrando uma relação de respeito para com os mais velhos, de onde se infere sempre que possuem um maior conhecimento acerca das situações vividas. Algumas crianças sugeriram elas mesmas limparem ou ainda, conforme um dos relatos: "*falava pra não jogar lixo no rio e se jogasse falava pra pessoa ir pegar*" (Ana Flávia, 08 anos).

Englobando algumas perguntas em um tópico envolvendo práticas agrícolas, pode-se perceber que as crianças estão atentas a questões relacionadas ao meio ambiente. Quando inquiridos a respeito do uso de substâncias tóxicas nas plantações, 73% dos entrevistados, disseram que os pais não fazem uso destes produtos, mas aproveita o esterco retirado das criações de animais, como forma de adubo para os cultivos. Desta forma, ficamos sabendo que o esterco tem uma utilização e não era jogado no rio. O questionamento que mais chamou atenção neste tópico foi quando 64% das crianças entrevistadas responderam que sabem da existência da prática de roçados e queimadas próximos a mata ciliar e nascentes. Com isto, pode-se deduzir que as crianças ainda não possuem um conhecimento sobre os efeitos destas sobre os mananciais hídricos.

Na última pergunta, a surpresa foi maior ainda quando as crianças disseram que não tem conhecimento de quais doenças podem ser veiculadas pela água. Mesmo assim, muitas se reportaram ao período da cheia do rio, quando há um aumento do número de mosquitos e conseqüentemente dos casos de malária e dengue. Ainda foi mencionado por uma criança a cólera e o surgimento de viroses.

CONCLUSÃO

Será tomada a liberdade neste artigo de não concluí-lo, mas sim exaltar as crianças da Escola São João da RDS do Tupé.

É durante a infância que se constrói o conhecimento, sempre contextualizado em relação ao tempo, ao local e principalmente à cultura. Desta forma, se pode perceber que cada criança traz um valor diferente dentro de si, demonstrando aquilo que é de sua natureza. Apesar de alguns enfrentarem com naturalidade o tema proposto, a grande maioria preferiu apresentar em seus desenhos não só a questão da água, mas a questão do ambiente em si e deste relacionado com o tema exposto. Esta compreensão ou percepção, só foi possível, por

compreender que as crianças são os artistas principais do ato, ao invés de simples figurantes da pesquisa.

A percepção do ambiente em geral, revela a forma natural com que às crianças se envolvem com a natureza, o mundo, o modo de vida. E é justamente a vida, a essência deste trabalho, pois água e vida se misturam numa relação onde muito das vezes não identificamos os limites de cada um.

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé carrega na sua essência a preservação e manutenção da vida, uma vez que na concepção de desenvolvimento sustentável está embutido o pensamento de que as futuras gerações deverão dotar de condições existenciais semelhantes as que possuem hoje.

Neste contexto, sugere-se que sejam abordados na escola mais temas relacionados à conservação e preservação do ambiente, além de questões relacionadas à saúde, pois quando se analisa o conceito de percepção, o homem passa a identificar no ambiente em que está inserido, as questões abordadas em seu cotidiano.

Os adultos ainda não são capazes de perceber, mais quando insistem em dizer “criança não tem querer”, talvez estejam perdendo uma das coisas mais importantes: a percepção da criança sobre determinado assunto. E levando-se para o contexto, as crianças revelaram diversas características, na forma de desenhos ou pinturas, descrevendo o que de mais importante possuem, as águas do rio e lago da RDS Tupé, que até hoje garantem a sobrevivência destes “povos das águas”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqueles que direto ou indiretamente ajudaram na realização deste trabalho. Agradeço a todas as crianças da Escola São João, da RDS Tupé, pois sem as mesmas, este artigo seria inviabilizado e a colaboração da professora Erenildes Gordolina Silva, por mobilizar as crianças e ceder as dependências da escola para execução do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTZKE, I. C.; PEREIRA, G. R. ; NOEBAUER, D. A. Sugestão de indicadores para avaliação do desempenho das atividades educativas do sistema de gestão ambiental - SGA da Universidade Regional de Blumenau. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* 2001. p. 144 – 157.

COSTA JR., P. *Os vilões do Cuiabá: um estudo sobre a pesca em Estirão Comprido – Pantanal de Barão de Melgaço/MT*. Monografia Especialização Educação Ambiental. Cuiabá: UFMT, 143p. 1993.

CRUZ, S. H. V. Ouvindo crianças: reflexões sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca de sua experiência educativa. In: Lins, S.D.; Cruz, S.H.V. (Org.). *Linguagens, literatura e escola*. 1 ed. Fortaleza, Ceará: Editora UFC, 2006, v. 1, p. 175-196.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. de. *Psicologia da Educação*. 2^a ed. São Paulo: Cortez. 126 p. 1994.

DIEGUES, A. C. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec. 272 p. 1998.

FRAXE, T.J.P. *Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. Fortaleza: Anna Blume. 192 p. 2000.

GOLDENBERG, M. *A arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro, Record. 107 p. 1997.

GREEN, C. Public perception and uses of the water environment: uses of water in the world. In.: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WORLD WATER RESOURCES. 1998. Paris. Proceedings. Paris: Unesco, 21 p.

GUBER, S. & BERRY, J. *Marketing to and Through Kids*. New York : McGraw-Hill Inc. 234 p. 1993.

GRUBTIS, S. Psicologia em Estudo, *Maringá*, v. 8, num. esp., p. 97-105. 2003.

LOWENFELD, V. & BRITTAIN, W. L. *Desarrollo de la capacidad creadora*. Buenos Aires: Kapeluz, 9p. 1972.

MCNEAL, J. *Marketing de Productos para Niños: manual sobre comercialización dirigida a los niños*. Buenos Aires : Granica. 404 p. 1993.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social: Teoria , método e criatividade*. 19^a ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 80p. 2001.

OLIVEIRA, L. de. A percepção da qualidade ambiental: A ação do homem e a qualidade ambiental. In.: Machado, M.L.C.P. *Qualidade ambiental: indicadores quantitativos e perceptivos*. Rio Claro: Associação dos Geógrafos/ Câmara Municipal, Mimeo. 1983. 266p.

PIAGET, J. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro, Forense. 136p. 1986.

PORRO, A. *O Povo das Águas, ensaio de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes. 204 p. 1995.

RAMIRES, J.C.L. & GUIMARÃES, J.M.C. Um olhar de criança sobre o espaço hospitalar através de percepções figurativas. *Caminhos de Geografia*. v.1, n. 12, p. 1-28. 2004.

RELPH, E C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. *Revista de Geografia*. V.4, n.7, 1979, p. 1-25.

SEM GUPTA, S. Percepção da população de Ahmedabad. *Revista de Geografia*, v.12. 1993.

SETTI, A.A.; LIMA, J.; CHAVES, A.G.M.; PEREIRA, I.C. *Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos*, 2^a ed. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica/Agência Nacional de Águas, 235p. 2001.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 288p. 1980.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL. 1982. p.143-162.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. Trad. L. Oliveira. São Paulo: Difel. 120 p. 1983.

VARGAS, M.C.; MANCUSO, M.I.R.; BENZE, B.G. & MIRANDA, C.O. Água & Cidadania: percepção social dos problemas de quantidade, qualidade e custo dos recursos hídricos em duas bacias hidrográficas do interior paulista. www.anppas.org.br/gt/recursos_hidricos/Marcelo%20Coutinho%20Vargas.pdf Acesso em : 15/01/2006

WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo, Manole. 540p. 1989.

WINNICOTT, D.W. *A criança e o seu mundo*. 3º Ed., Rio de Janeiro, Zahara. 270p. 1979.